

VicuñaMackenna, Cerrillos-Maipú e Talcahuano: Participação e organização dos trabalhadores chilenos nos cordonesindustriales durante o governo de Salvador Allende (1971-1973).

ALINE FERNANDA MACIEL*

O tema de pesquisa aqui apresentado está centrado no estudo da participação e organização dos trabalhadores chilenos nos chamados *cordonesindustriales* de Cerrillos-Maipú, Vicuña-Mackenna e Talcahuano, existentes nas cidades de Santiago do Chile e Talcahuano, esta próxima à Concepción, durante o governo democrático popular de Salvador Allende (1970-1973) e está sendo desenvolvido por mim no curso de mestrado da Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

Os *cordonesindustriales* foram complexos industriais que envolviam inúmeros setores e ramos da produção, localizados em determinadas regiões chilenas, integrados territorialmente e organizados pelos trabalhadores durante o governo de Salvador Allende¹. Nas principais zonas industriais do Chile existiam cerca de 20 cordonesindustriales² resultantes das ocupações de fábricas pelos trabalhadores na tentativa de aprofundar as transformações ocorridas durante o governo de Allende e manter a produção e distribuição frente à tentativa de setores da direita de desestabilizar o governo. Tinham o intuito de garantir a produção e a distribuição de produtos de primeira necessidade à população e como resposta a um paro patronal que ocorreu em outubro de 1972, uma paralisação iniciada por proprietários de caminhões e depois absorvida por empregadores e organizações patronais, (SOFOFA, Confederação da Produção e do Comércio), do comércio (Confederação do Comércio), profissionais liberais (advogados, médicos, etc.) e setores ligados à direita na tentativa de boicotar o governo popular.³

*Universidade de São Paulo

¹BORGES, Elisa Campos. Conla UP ahora somos Gobierno! A experiencia dos cordonesindustriales no Chile de Allende. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2011, pg. 2.

²SOTO, Sandra Castillo. Cordones Industriales: Nuevas Formas de Sociabilidad Obrera y Organización Política Popular (Chile 1970-1973). Concepción: Ediciones Escaparate, 2009, pg. 220

³GAUDICHAUD, Franck. Poder Popular y Cordones Industriales: Testimonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973. Santiago: LOM Ediciones, Centro de Investigaciones Barros Arana, 2004, pg.34.

Dois dos cordões a serem estudados, Cerrillos-Maipú e Vicuña Mackenna, ambos localizados na cidade de Santiago, foram os primeiros a se constituírem e os principais dado ao número de empresas integradas e a importância política de suas ações. Tenho a intenção de fazer uma comparação do funcionamento desses cordões com o de Talcahuano, localizado em Concepción, pois nos trabalhos sobre o tema os estudos estão centrados naqueles localizados na cidade de Santiago do Chile e muito pouco se fala sobre aqueles pertencentes a outras regiões. Concepción foi um pólo importante de luta dos trabalhadores neste período. O tema será analisado tomando como ponto de partida o contexto latino-americano do período, os debates e ações produzidas pela esquerda sobre os caminhos a serem seguidos na luta pela transformação da sociedade.

O objetivo deste estudo é compreender a dinâmica de funcionamento e participação desses cordões industriais no contexto do governo da Unidade Popular, bem como a sua relação com o governo e os partidos, além da questão da solidariedade entre os trabalhadores dos cordões em momentos de acirramento da luta política. Para isso utilizarei como fontes documentos dos partidos da coalizão, do governo, da CUT - Central Única dos Trabalhadores, periódicos dos cordões industriais (principalmente o *Tarea Urgente*, jornal oficial dos cordões), depoimentos de militantes desses cordões além de livros e teses sobre o tema. Dentre as fontes, inclui-se ainda uma filmografia sobre o tema na qual se destacam: *La Batalla de Chile (I, II e III)*; *La Spirale*; *Isla 10 Dawson*; *El Diálogo de Augustin*; *Descomedidos y Chascones*; *Compañero Presidente – diálogos Regis Debray-Allende*; *Chove sobre Santiago*; *Chile: La memoria obstinada*.

O cordão de Cerrillos⁴ foi o primeiro a ser criado em junho de 1972 no contexto em que o país era marcado por altas taxas inflacionárias, crise de desabastecimento e ações contraofensivas da direita. Os setores populares dos bairros pobres vizinhos, junto aos trabalhadores e militantes se organizaram para pressionar o governo a avançar nas

⁴Localizado na periferia de Santiago, junto a comuna de Maipú, o cordón Cerrillos aglutinava importantes setores fabris que produziam bens de capital, a chamada “gran indústria por excelência” e sindicatos combativos como assim observado no livro: CORDEIRO, Cristina; SADER, Eder; THRELFALL, Monica. Consejo Comunal de Trabajadores y Cordón Cerrillos-Maipú: balances y perspectivas de un embrión de poder popular. Documento de trabajo n. 67. CIDU-U. Católica de Chile, agosto 1973. pg. 58.

transformações e formaram então o “Comando de Coordenação das lutas dos trabalhadores do CordónCerrillos-Maipu”, cuja principal reivindicação é a “passagem das indústrias ao setor estatal”.⁵ Assim após a criação de Cerrillos, dada a mobilização social e as ações diretas dos trabalhadores contra o boicote patronal e às paralizações da produção, a população intensifica suas ações para pressionar o governo a estatizar inúmeras indústrias. Nesse momento surgem inúmeros outros *cordones* nas zonas industriais chilenas como mecanismo de luta diante da ofensiva contrarrevolucionária, entre eles, o cordónVicuñaMackenna.⁶

A bibliografia sobre os cordones não é muito extensa, há poucos trabalhos, porém importantes e rigorosos na investigação do tema. A novidade em relação aos outros trabalhos desenvolvidos pode estar no fato de que a maior parte está centrada nos cordones de Santiago de Chile e neste estudo buscarei estudar um cordão localizado numa cidade próxima a Concepción, Talcahuano, comparando sua dinâmica de funcionamento e participação dos trabalhadores com dois da capital do país. Além de aprofundar o entendimento do funcionamento da dinâmica desses *cordones* e suas especificidades, visto que a maior parte dos trabalhos que tratam do assunto analisam de forma genérica todos os cordones, cujas particularidades ficam prejudicadas. Buscarei ainda articular o desenvolvimento desse processo inserido no contexto latino-americano dos anos 60 e 70 e compreender como esses organismos representavam uma novidade e um desafio tanto para a via chilena como para a luta armada e outras políticas da esquerda no contexto da América Latina.

Para compreender esse processo é necessário entender o que ocorria no Chile nesse período. Em 1970 inicia-se no Chile um processo histórico de extrema importância para a história do país que marcou a história da esquerda da América Latina e do mundo como um todo: a eleição do socialista Salvador Allende, da Unidade Popular, uma coalizão de esquerda formada inicialmente pelo Partido Socialista (PS), Partido Comunista (PC), Partido Radical (PR), Partido Social Democrata (PSD), Movimiento de Acción Popular Unificado (MAPU) e Acción Popular Unificado

⁵SADER, Emir. CordónCerrillos e poder proletario no Chile em 1972. IN: SARTRE, Jeal P. (org.). revista “Les Temps Modernes” n. 347, junho de 1974. Pg.2.

⁶VicuñaMackenna surge em outubro de 1972 durante o paro patronal e aglutinava inúmeras empresas de ramos distintos. Foi um dos cordones mais combativos e permanentes.

Independiente (API).⁷ Muitos são os argumentos de que tal evento que ocorrera no Chile de chegada ao poder de um presidente socialista não significava que uma revolução estava ocorrendo, por ter sido resultante de uma disputa eleitoral via institucionalidade do Estado e, portanto, no âmbito ainda dos instrumentos burgueses de disputa⁸. Porém houve, ao longo do governo, importantes processos revolucionários de radicalização embora não completamente em oposição ao governo, mas críticos a ele, como por exemplo, a ocupação de fábricas e terras, por trabalhadores e camponeses, a atuação das *poblaciones*, assim chamada as comunidades pobres periféricas, cujo intuito era lutar para avançar as propostas do governo.

O programa da UP (Unidade Popular) representava uma experiência nova que denominou-se a “via chilena ao socialismo” e tinha como objetivo uma profunda transformação social pacífica, ou seja, sem uso de armas, através da institucionalidade do Estado, da conquista do poder executivo e legislativo, com participação popular e através da nacionalização de setores estratégicos da economia.⁹

Julio Pinto, historiador chileno, afirma que o caráter da revolução chilena era o caminho socialista, ou seja, pretendia-se realizar uma profunda transformação estrutural, cujo objetivo era construir um modelo de sociedade sem exploradores nem explorados, com a abolição da propriedade privada, apoiada nos princípios de justiça social e de solidariedade e não no individualismo e competitividade como na sociedade capitalista.¹⁰ Essa possibilidade da “via pacífica” era vista pelos partidários da UP como um caminho legítimo ao socialismo, já que a história do Chile trazia consigo uma herança democrática de certa estabilidade no sistema eleitoral e certo respeito dos partidos políticos e forças armadas a esse sistema, ideias firmadas a partir de 1925 pelo então chamado “Estado de Compromisso”.¹¹

O sociólogo chileno Tomás Moulian afirma sobre essa experiência que grande

⁷AGGIO, Alberto. Democracia e Socialismo: A Experiência Chilena. São Paulo: Annablume, 1998, pg. 15

⁸Tal pensamento advinha principalmente de militantes e dirigentes de organizações da esquerda, mas que não concordavam inteiramente com os caminhos seguidos pela Unidade Popular, pois acreditavam que o governo deveria avançar nas propostas e não se iludir com o apoio político de setores de centro-esquerda como os democratas cristãos. Além da crítica à questão da via pacífica, das nacionalizações que deveriam atingir muito mais empresas e do poder que não deveria ser algo verticalizado, mas sim reflexo de uma real participação popular, entre outras que discutirei ao longo da dissertação.

⁹BORGES, op. Cit., pg. 4.

¹⁰PINTO, Julio (org.). Cuando Hicimos Historia: la Experiencia de La Unidad Popular. Santiago: LOM, 2005, pg. 12

¹¹SOTO, op. Cit. pg. 39.

parte das causas do desfecho desse processo foi resultado da falta de esforço da esquerda em teorizar sobre o processo novo, cuja “originalidade impedia a existência de uma teoria preconcebida”.¹² Era uma situação completamente diferente das outras, como analisa Moulian, por isso, era necessário não apenas produzir as reformas de conteúdo programático, mas também produzir um extenso debate sobre a estratégia e os avanços até o socialismo por meio de reformas profundas de caráter anticapitalista e antimperialista dentro do aparato do Estado e da ordem burguesa.¹³

Tal esforço deveria ter ocorrido principalmente no primeiro ano da Unidade Popular, que estava numa posição ofensiva, cuja preocupação deveria orientar-se não apenas pelo horizonte das reformas econômicas, mas no campo político das alianças com setores populares e de centro-reformista. Por outro lado, Waldo Mermelstein (militante brasileiro exilado no Chile na época da UP) afirma que seria impossível e ilusória tal aliança com a Democracia Cristã, pois esta estava atrelada a burguesia e ao imperialismo.¹⁴ Dessa mesma forma, intelectuais como Rui Mauro Marini e Theotônio dos Santos, ambos também brasileiros que também estavam no Chile no período compartilham da mesma ideia e aderem ao MIR.¹⁵ Porém, é necessário fazer um balanço historiográfico extenso da produção intelectual sobre o período, a questão do poder popular e o desfecho, cujo trabalho irá compor o capítulo final da minha dissertação.

O Chile era marcado por inúmeros problemas sociais, políticos e econômicos: no período que antecedeu a eleição de Allende. O país possuía uma enorme riqueza nacional, o cobre, mas estava completamente nas mãos do capital estrangeiro, principalmente norte-americano, passava ainda por um momento de estagnação (estagnação econômica e inflação), vivenciava uma desenfreada migração com uma crescente população urbana de migrantes rurais desempregados ou subempregados que começam a viver em favelas chamadas poblaciones. Além disso, houve uma forte

¹²MOULIÁN, Tomás. La vía chilena al socialismo: itinerário de lacrisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular. pg. 40. IN. PINTO, Julio (orgs.). Cuando hicimos Historia: la Experiencia de La Unidad Popular. Santiago: LOM, 2005.

¹³Ibid. Pg. 40.

¹⁴MERMELSTEIN, Waldo. Poder Popular no governo de Allende.

¹⁵Theotônio dos Santos e Rui Mauro Marini, intelectuais da teoria da dependência que durante o exílio no Chile no contexto do regime militar brasileiro, aderiram ao MIR e tiveram uma vasta atividade acadêmica e militante no país.

representação da ala conservadora na gerência do Estado, encabeçada principalmente pelo Partido Nacional.¹⁶

O presidente democrata cristão Eduardo Frei governou o país antes de Allende e tinha um programa que canalizava reivindicações dos trabalhadores e setores populares, como a reforma agrária, denominado “socialismo comunitário”, uma mescla de humanismo com socialismo cristão. Porém, na prática suas realizações não chegaram a um quarto daquilo que havia prometido e defendido, deixando o país imerso num alto índice inflacionário e numa crise econômico-social avassaladora.¹⁷

A classe trabalhadora chilena era extremamente mal remunerada, mas combativa e política: os sindicatos de esquerda filiados à Central Única dos Trabalhadores-CUT e a forte tradição sindical possibilitou a aproximação com o marxismo, principalmente via o Partido Comunista e o Partido Socialista, partidos representantes da esquerda chilena. O movimento operário no Chile no século XIX tinha um caráter democrático, liberal e laico, aglutinados em *mancomunales* (sociedades organizadas por território e não por tipo de trabalho) e sociedades de resistência¹⁸ que progressivamente vão se identificando com ideais anarquistas e socialistas, fortalecendo-se em sindicatos no decorrer do século XX.¹⁹

O Chile no século XX foi palco de experiências importantes relacionadas a atuação da esquerda e de uma ala centro esquerda na luta pelo socialismo, embora representassem visões bem diferentes umas das outras. Como, por exemplo, o atuante papel dos trabalhadores no movimento sindical do início do século XX com a criação da Federação Operária do Chile (FOCH) de referenciais anarquistas e em 1935 quando foi estabelecido um governo baseado na política da Frente Popular com referencia no Movimento Internacional Comunista.

Ao longo do século XX houve a presença significativa no movimento operário de partidos como o Comunista, o Socialista, o Radical (os chamados amarelos, com reivindicações que não iam além do plano trabalhista) e o Democrata Cristão²⁰ e uma forte intervenção do Estado nos sindicatos. Em 1928, durante o governo de Carlos

¹⁶WINN, Peter. A Revolução Chilena. Editora. São Paulo: UNESP, 2010, p. 59

¹⁷WINN.op. Cit., pg. 55.

¹⁸ANGELL, op. Cit. 27

¹⁹SOTO, op. Cit., pg. 119

²⁰ANGELL, op. Cit., pg. 13

Ibañezdel Campo e a promulgação do *Código del Trabajo*, por exemplo, houve uma forte repressão aos sindicalistas e trabalhadores, o aumento do custo de vida e maior regulação dos sindicatos do país exercida pelo Estado através da *Dirección del Trabajo*.

Havia ainda uma grande quantidade de pequenos sindicatos e certa debilidade, por isso, eles necessitavam do apoio partidário dos partidos de tendência proletária para se fortalecerem, canalizando suas lutas e reivindicações.²¹ Dessa forma, aqueles que estudam o movimento operário, como observa Allan Angell em seu livro *Partidos Políticos y Movimiento Obrero em Chile*, devem se preocupar também em estudar a relação do movimento sindical com os partidos políticos, atentando-se aos conflitos e disputas internas aos sindicatos representados pela ideologia dos partidos que o disputam.²²

Assim que Allende é eleito iniciou-se uma série de mudanças com foco em dois principais pontos: a criação e desenvolvimento da APS (Área de Propriedade Social) a parte nacionalizada da economia - a nacionalização de setores estratégicos da economia como forma de minar a dependência do capital estrangeiro e enfraquecer o poder da oligarquia - e “a transferência da base do poder do Estado para o povo o chamado poder popular”²³, ou seja, a transferência do poder do Estado para as massas, cuja prioridade do governo foram as nacionalizações. Dentre esses eixos centrais, de transformação política e econômica, estava incluso também no programa do governo popular de Allende, a reforma agrária e mudanças na educação, saúde, habitação, etc.²⁴

Como bem lembra Peter Winn, tratava-se de uma mistura que combinava populismo, socialismo e democracia - apoiada numa coalizão que pretendia a transição para um socialismo democrático - severamente combatida pelos setores da direita composta principalmente por empresários e industriais agrupados em torno do Partido

²¹ ANGELL, op. Cit., pg. 13

²² ANGELL, Alan. Partidos políticos y movimiento obrero em Chile. México: Era, 1974, pg. 13.

²³ BORGES, op. Cit., pg. 4.

²⁴ Alguns livros de referência que tratam do tema das reformas programáticas do governo da Unidade Popular: ALTAMIRANO, Carlos. Dialética de uma derrota. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979. AGGIO, Alberto. Democracia e Socialismo: A Experiência Chilena. São Paulo: Annablume, 1998. GAUDICHAUD, Franck. Poder Popular y Cordones Industriales: Testimonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973. Santiago: LOM Ediciones, Centro de Investigaciones Barros Arana, 2004. PINTO, Julio (orgs.). Cuando Hicimos História: la Experiencia de La Unidad Popular. Santiago: LOM, 2005. Winn, Peter. A Revolução Chilena. São Paulo: UNESP, 2010

Nacional.²⁵ Soma-se a isso o apoio à direita de muitos estrangeiros que investiam no cobre chileno e em outros setores e que mantinham contato direto com o governo norte-americano, de Nixon. Também houve o apoio e conspirações desses setores para desestabilizar o governo de Allende, cujas reações conservadoras vão desde greves no setor de transporte e distribuição da produção, passando pela tentativa golpista do chamado Tanquetazo (**fazer nota**) até culminar no golpe de 1973 que acabou por implantar uma brutal ditadura militar no Chile.²⁶

O país transformou-se numa verdadeira zona conflitiva que envolve a direita e seus ataques ao governo na tentativa de desmoralizar e desestabilizar o governo de Allende, além dos conflitos entre os setores da esquerda. Entre estes, de um lado estavam os que defendiam a via pacífica, uma “revolução gradualista”, via legalidade eleitoral e a aliança com setores da burguesia “progressista”, representados principalmente por socialistas e comunistas e do outro um setor da esquerda que defendia a radicalização da revolução através da construção do poder popular e da luta armada, pelo identificado pelos teóricos do tema como “rupturista” e representado pelo MIR, MAPU, setores radicalizados do PS e pela *Izquierda Cristiana* (vindos de setores que romperam com a *Democracia Cristiana*).²⁷ Estes últimos alertavam para a inevitabilidade do confronto dada a radicalização do conflito de classes e das ofensivas contrarrevolucionárias apoiadas inclusive pelos Estados Unidos nas quais envolviam tanto medidas de caráter econômico como o corte de créditos e impossibilidade de refinar a dívida externa quanto de caráter político como o financiamento dos movimentos de oposição ao governo.²⁸ (**ver denominação na historiografia “polo revolucionário”**)

O pólo gradualista tinha como estratégia a via eleitoral, ou seja, as disputas deviam seguir-se nos marcos da democracia burguesa através da aliança com setores progressistas (setores da classe média e burguesa politicamente representada pela Democracia Cristã e pelo Partido Radical), numa busca por acumular forças dentro do

²⁵WINN, op. Cit., pg. 65.

²⁶WINN, op. Cit., pg.70.

²⁷PINTO, op. Cit., pg. 15. Muitos documentos posteriormente vieram à público das mais variadas formas, mostrando a relação entre os setores da direita chilena e o governo e serviço secreto norte-americano, articulando ações contra o governo da UP e estão reunidos no site do Arquivo de Segurança Nacional: http://www.gwu.edu/~nsarchiv/latin_america/chile.htm

²⁸PINTO, op. Cit., pg. 16

Estado burguês, sem romper violentamente com a ordem estabelecida. Essa estratégia estava exposta na insígnia *avanzar consolidando*.²⁹ Os rupturistas rejeitavam a teoria das etapas de que primeiro era necessário passar pela etapa democrática burguesa para depois seguir para a tomada do poder pelos trabalhadores proposta sintetizada no slogan *consolidar avanzando*, pois a classe dominante (oligarquia e industriais) jamais permitiria o avanço das propostas do governo popular sem se opor. O contexto latino-americano já teria provado a impossibilidade disso em casos como da Guatemala (1954) e Brasil (1964) de golpes militares apoiados pelos EUA e a chamada Doutrina Johnson que se referia a Revolução Cubana e a inaceitabilidade do governo norte-americano da formação de novos governos revolucionários na América Latina.³⁰ Por isso, para os setores mais radicalizados a construção do poder popular e a luta armada eram necessários para dar continuidade às reformas propostas pela Unidade Popular em um determinado momento de acirramento das disputas políticas.³¹

A Revolução Cubana influenciou essencialmente a radicalização de setores da esquerda nesse processo, principalmente do MIR e uma ala do Partido Socialista, este último adota o marxismo-leninismo revolucionário como orientação ideológica, cuja violência revolucionária era vista como legítima e inevitável, mesmo validando como instrumentos as formas legais e pacíficas e sua atuação torna-se importante em determinados cordões industriais e em outras organizações populares.³²

Dessa forma, podemos afirmar que existia uma divisão dentro da própria UP relacionada ao mesmo tempo à tática e estratégia e que essas posições eram mais aguçadas em momentos de acirramento do conflito de classes. A estratégia utilizada pela UP era a busca pelo controle do sistema econômico para então alcançar o controle do sistema político, processo inverso das experiências anteriores de transição ao socialismo, cuja prioridade era primeiramente o controle do sistema político. Essa estratégia na prática, como observa a historiadora Elisa Campos Borges, “transformou os meios de produção e a ação dos trabalhadores nos dois núcleos centrais das ações da UP”.³³ Nesse momento a atuação dos trabalhadores no processo produtivo representava

²⁹WINN, op. Cit., pg. 133

³⁰PINTO, op. Cit., pg. 25.

³¹PINTO, op. Cit., pg. 26

³²SOTO, op. Cit., pg. 42

³³BORGES, op. Cit., pg. 4.

uma força de extrema importância para a continuidade do governo popular.

Como forma de garantir a produção, distribuição e abastecimento os trabalhadores, camponeses e moradores (moradores dos bairros pobres e periféricos) organizaram-se num sistema de participação criado pelo governo, bem como fruto da atuação dos movimentos sociais como, por exemplo, os *comandos comunales*, os *comitescoordinadores*, as *juntas de abastecimento* (JAP – coletivos de representação popular nos bairros com intuito de fiscalizar o abastecimento nos bairros) e os conselhos camponeses.³⁴ Neste contexto, também surgiram os *cordonesindustriales* como uma tentativa dos trabalhadores de minar e impedir o boicote da burguesia ao governo popular de Allende, dar continuidade a produção e distribuição no país e reivindicar o avanço nas propostas do governo.

O paro patronal iniciado no mês de outubro de 1972 contou com a paralisação da produção por parte dos donos das fábricas e contribuiu para o desabastecimento do país. Como consequência, muitos produtos eram vendidos no mercado negro a preços muito altos causando uma crise geral de desabastecimento, com perdas econômicas substanciais.³⁵ Neste contexto ocorreu uma radicalização da luta, das tentativas da direita e de setores de centro-reformista em minar a luta dos trabalhadores e, por outro lado, uma intensa mobilização dos setores populares contra essas práticas reacionárias.

A atuação dos trabalhadores e setores populares nos *cordonesindustriales* refletem tanto o esforço para sobrevivência num contexto de conflitos, desabastecimento e boicotes quanto o resultado do processo de conscientização desses setores dada pela radicalização da disputa política diante da ascensão ao poder do governo popular. Além disso, a questão do poder popular foi essencial no período, mesmo a UP defendendo a participação dos trabalhadores na gestão das empresas estatizadas, a ocupação de fábricas trabalhadores durante o paro patronal e a pressão para estatizar mais empresas foram criticadas pelo governo, principalmente pelos comunistas, contrários à tais ações.

Como acima citado, a participação popular se deu em vários níveis tais como: comandos comunales, *consejos camponeses*, *cordonesindustriales*, atuação de organizações tradicionais do movimento popular (*Junta de Vecinos*, *Centros de Madres*,

³⁴GAUDICHAUD, op. Cit., pg.34.

³⁵Ibid., pg. 95.

sindicatos), além da chamada *Asamblea de Concepción*, ou Assembléia do Povo, composta por militantes principalmente do MIR e da esquerda do PS que colocava a dualidade de poderes e o poder popular na centralidade das discussões, cujo controle operário seria o meio para alcançar a consciência das massas, idéia buscada principalmente nos *soviets* da Revolução Russa.³⁶ Os cordões são reflexos da atuação dos trabalhadores nesse processo revolucionário de busca pelo controle da produção nacional em oposição às ofensivas contrarrevolucionárias. Porém não se pode dizer que os cordões foram expressões chilenas dos *soviets* russos porque não eram contrários ao governo popular, mas atuavam de forma crítica apoiando o governo.

Em junho de 1972 foi criado o primeiro cordón industrial de Cerrillos-Maipú em um dos setores mais industrializados de Santiago. Em seguida, no chamado “outubro chileno”, diante da greve patronal e da crise de desabastecimento, houve uma proliferação de cordões industriais, de comandos comunales e comitês coordenadores.³⁷ A defesa da participação dos trabalhadores na administração das fábricas do setor público era um projeto dos democratas cristãos levados para UP pelos militantes do MAPU e defendidos nos cordões pelos socialistas de tradição trotskistas mesmo à revelia dos “comunistas que se opunham à criação de representantes dos trabalhadores fora das estruturas sindicais que eles, em grande parte, controlavam.”³⁸ A posição do PC era que esses novos organismos embrionários de poder popular não deveriam converter-se em poder paralelo ao governo e deveriam estar organizados dentro das unidades de base da CUT; o PS apoiava a formação dos cordões industriais como organismos representantes dos setores populares e que fortaleceriam a luta rumo ao socialismo. Já o MIR, a IC e o MAPU viam eles como “órgãos embrionários de um poder alternativo” no sentido de afirmar a independência de classe do proletariado.³⁹

Guillermo Rodriguez, militante do MIR que participou do cordón Cerrillos-Maipú afirma em seu livro que a aliança de classes e setores populares ocorreu com bastante força, sobretudo entre camponeses e pobladores⁴⁰. A região onde estava

³⁶SANDRA. op. Cit., pg. 107.

³⁷BANDEIRA, Luiz M. Fórmula para o Caos: A Derrubada de Salvador Allende (1970-1973). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Pg.

³⁸WINN, op. Cit., pg. 122.

³⁹SOTO, op. Cit., pg. 211.

⁴⁰MORALES, Guillermo R. De la Barricada al Cordón Cerrillos. Santiago do Chile: Editorial Universidad

localizado o cordão incluía indústrias, poblaciones e acampamentos de camponeses, muitos trabalhadores das fábricas eram moradores dessas poblaciones e a solidariedade destes setores na mobilização do acampamento *El Despertar*, por exemplo, foi fundamental para a continuidade das ações políticas. *El Despertar* foi uma mobilização feita no início de abril de 1972 por trabalhadores, pobladores e campesinos para tratar dos problemas estruturais da comuna, onde participaram por volta de 400 pessoas, entre elas militantes do PS, MIR, MAPU, dirigentes de sindicatos, operários e campesinos do acampamento “*El Despertar de Maipú*”⁴¹. O objetivo era criar condições de fortalecer o poder popular através da formação de um Comando Comunal para tratar das questões que envolviam a saúde, o transporte, a moradia, etc.

Os trabalhadores dos cordões industriais lutavam pelo controle da produção e da gestão das fábricas, porém a luta política se estendia a outras formas de organização em conjunto com os moradores das comunas e dos campamentos em torno dos cordões. Além disso, pode-se perceber que as mobilizações para solucionar problemas de determinadas empresas eram apoiadas pelo conjunto dos trabalhadores dos cordões. Havia uma luta desses trabalhadores no sentido de exigir a incorporação de empresas à Área de Propriedade Social, principalmente após o paro patronal de outubro de 1972.

A hipótese central deste projeto de pesquisa está apoiada no entendimento de que os cordones industriales eram ao mesmo tempo produto da conquista do poder pela Unidade Popular, da luta histórica do movimento operário chileno e das correlações de forças políticas internas à UP na conjuntura do período, bem como da experiência vivida por esses trabalhadores no processo de luta que caminha para a conscientização política. Neste sentido pode-se observar, através das leituras e pesquisas iniciais deste trabalho que eles não lutavam apenas pela melhoria das condições de vida ou refletiam somente as disputas internas a UP, mas era fruto de um processo político intenso de politização e conscientização e que se ocupavam das transformações políticas numa relação dialética conforme a experiência compartilhada na história do movimento

Bolivariana, 2007, pg. 92.

⁴¹ CURY, Marcia. O protagonismo popular: experiências e movimentos sociais na construção do socialismo chileno. (1964-1973). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2013, pg. 299.

operário e no governo de Allende. Além disso, no sentido mais amplo, os cordões poderiam ter-se constituído como organismos embrionários do duplo poder, e tinham muitos aspectos a favor disso, porém elementos como a curta temporalidade de sua existência, as disputas políticas e programáticas bem como o apoio (mesmo que crítico) ao governo entre outros aspectos impossibilitaram tal desenvolvimento.

Nos anos 1960 e 1970 a América Latina passava por conflitos sociais marcados pela desigualdade estrutural e implantação e consolidação do neoliberalismo. Ao mesmo tempo que esse processo era marcado por um período de ascensão e consolidação das correntes mais radicais, como afirma Michel Lowy na introdução do livro *O Marxismo na América Latina*, cuja natureza da revolução era o socialismo legitimando em certos casos a luta armada, simbolizada no guevarismo.⁴² O autor atribui genericamente, salvo algumas exceções, três períodos na história do marxismo na América Latina que marcam as definições sobre o caráter da revolução, baseadas na análise da sua formação e desenvolvimento. O primeiro, período revolucionário de um comunismo mais original e aberto, dos anos 1920 aos 1930, expresso teoricamente nos escritos de Mariátegui e na prática na revolução Salvadorenha de 1932 (única revolução de massa liderada por um partido comunista) era caracterizado pelo caráter socialista, democrático e anticapitalista, negando uma aliança com a burguesia. O segundo período, o stalinista, expresso hegemonicamente na interpretação soviética da revolução por etapas e na aliança com a burguesia nacional e caracterizado pela hierarquização, burocratização e autoritarismo do aparelho do Estado. O terceiro período –pós-revolução cubana – o autor denomina como “novo período revolucionário”, cujas correntes mais radicais, denominadas como a Nova Esquerda,⁴³ operaram num momento ofensivo de consolidação estratégica e tática, cuja luta armada era vista como um caminho indispensável e legítimo.⁴⁴ Tais reflexões, sobre os processos revolucionários ocorridos na América Latina na luta contra o imperialismo são fundamentais para a sua compreensão e sua relação com outras partes do mundo bem como as discussões apresentadas pela esquerda na interpretação da realidade dos países do continente.

⁴²LOWY, Michael (Org.). *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. 2ª Edição Ampliada, 2006. Pg. 9.

⁴³REIS FILHO, D. A.; SÁ, J. F. de. (Orgs.). *Imagens da Revolução*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.Pg. 20.

⁴⁴LOWY, op. Cit., pg.9.

O processo revolucionário ocorrido no Chile no início dos anos 70 representou uma ruptura com o passado e uma busca por novas formas de organização, atuação social e transformação na cultura política do país, num momento onde surgem novos modelos revolucionários na América Latina e no mundo que também repercutiram nos debates entre os campos da esquerda chilena durante o governo Allende. A relevância do tema aqui apresentado, acreditamos estar focado justamente nesse processo de construção de uma nova experiência e identidade de luta desenvolvida durante o processo revolucionário.

O desenvolvimento desses organismos de poder popular além de ter deixado um legado importante para as gerações futuras, foram expressões da atuação dos trabalhadores e setores populares nesse processo. A sua atualidade reflete a recente crise do capitalismo e a necessidade de se pensar novos horizontes e caminhos para a sociedade.

O estudo dos cordones industriales e do governo da unidade popular reflete contextos históricos específicos, porém contribuem para uma maior compreensão da história da América Latina, por isso, não cabe aqui o equívoco anacrônico de tentar transplantar tal realidade para a nossa atual, mas sim tê-la como referência nas discussões presentes hoje sobre democracia, movimentos sociais, esquerda, participação e organização social na vida política e crise do capitalismo.

A experiência chilena de busca por um novo modelo de sociedade instituído via eleitoral que embora tenha durado não mais que três anos e foi seguido de um brutal golpe militar e uma ditadura sangrenta foi marcada por experiências de luta fundamentais que foram determinantes para a conscientização e participação dos setores populares na vida política apoiados na experiência e atuação dos trabalhadores na construção desses organismos embrionários de poder popular.

A motivação principal que me levou a estudar o tema aqui apresentado está ligada principalmente à importância de resgatar a memória e história deste processo, cuja reflexão se estende ao campo metodológico. Tal significou um protagonismo das classes “esquecidas” da história – os trabalhadores e setores populares - compreendida através de uma perspectiva desde baixo, como afirmou Hobsbawm em seu texto *A História de baixo para cima*, ou seja, o esforço em resgatar a participação destes setores

como sujeitos históricos a partir de um estudo da experiência de tal processo como elemento constituinte da formação da identidade de classe destes trabalhadores.⁴⁵ Além disso, referências metodológicas aqui encontradas, refletidas em trabalhos de historiadores como E.P Thompson e dos chilenos Sérgio Grez Toso e Gabriel Salazar que buscam a valorização das lutas empreendidas por estes setores populares são fundamentais para os pesquisadores que se preocupam com elementos como a solidariedade e consciência de classe em processos revolucionários.

Bibliografia

- Aggio, Alberto. Democracia e Socialismo: A Experiência Chilena. São Paulo: Annablume, 1998.
- ALLENDE, Salvador. Los trabajadores y la via chilena (discursos). Archivo Salvador Allende. México: Centro de Estudios Latinoamericano Salvador Allende, 1990.
- Altamirano, Carlos. Dialética de uma Revolta. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- Anderson, Perry. Las ideas y la acción política en el cambio histórico. In: BORON, Atilio et al. (comp.). La teoría marxista hoy. Problemas y perspectivas. Buenos Aires: Clacso, 2006.
- Angell, Alan. Partidos políticos y movimiento obrero em Chile. México: Era, 1974.
- BANDEIRA, Luiz M. Fórmula para o Caos: A Derrubada de Salvador Allende (1970-1973). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BAÑO, Rodrigo et al. Unidad Popular 30 años después. Santiago: LOM, 2003.
- BITTAR, Sergio. Transição, Socialismo e Democracia. Chile com Allende. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- BORGES, Elisa Campos. Con la UP ahora somos Gobierno! A experiencia dos cordones industriales no Chile de Allende. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2011.
- CORDEIRO, Cristina; SADER, Eder; THRELFALL, Monica. Consejo Comunal de Trabajadores y Cordón Cerrillos-Maipú: balances y perspectivas de um embrión de poder popular. Documento de trabajo n. 67. CIDU-U. Católica de Chile, agosto 1973.
- Cordova-Claure, Ted. Chile, sí? Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1973.

⁴⁵HOBSBAWN, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Pg. 216.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

- Dalmás, Carine. Brigadas Muralistas e Cartazes de Propagandas da Experiência Chilena (1970-1973). Dissertação de Mestrado – USP. São Paulo, 2006.
- ESPINOSA, Juan G.; ZIMBALIST, Andrew. Democracia Económica: la participación de los trabajadores en Industria Chilena, 1970-1973. México: Fondo de Cultura Económica México, 1984.
- FORTES, Alexandre (orgs.). História e perspectivas da esquerda. São Paulo: Perseu Abramo/Argos, 2005.
- GAUDICHAUD, Franck. Poder Popular y Cordones Industriales: Testimonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973. Santiago: LOM Ediciones, Centro de Investigaciones Barros Arana, 2004.
- HARNECKER, Marta. Tornar possível o impossível. São Paulo: Paz e Terra: 2000.
- HARNECKER, Marta. Los comandos comunales y el problema del poder. In: Chile Hoy. Santiago Año I, Número 26, 8 a 14 de Diciembre de 1972.
- HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário?. Revista Brasileira de História. São Paulo, número 10, volume 5, março/agosto 1985.
- Hobsbawm, Eric. Mundos do Trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- Leiva, Sebastián. El MIR y los Comandos Comunales: poder popular y unificación de la movilización social. Disponível em http://www.archivochile.com/Archivo_Mir/experiencia_neltume/Otras_experiencias/mirexpe0001.pdf> Acesso em 10/10/2011.
- Lenin, Vladimir Illich. Estado e Revolução. São Paulo: Democracia Proletária, 1973.
- LOWY, Michael (Org.). O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. 2ª Edição Ampliada, 2006.
- Marx, Karl. O Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Global, 1984.
- MORALES, Guillermo R. De La Brigada Secundaria Al Cordón Cerrillos. Santiago: Editorial Universidad Bolivariana, 2007.
- MUJICA, Dolores. Cordones Industriales. Cronología Comentada. Santiago: Ediciones Clase Contra Clase, 2005.
- NARANJO, Pedro (org.). Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario em Chile: discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria – MIR. Santiago,



LOM, 2004.

- PINTO, Julio; SALAZAR, Gabriel. Historia Contemporanea de Chile II: Actores, identidad y movimiento. Santiago: LOM, 1999.
- PINTO, Julio (orgs.). Cuando Hicimos História: la Experiência de La Unidad Popular. Santiago: LOM, 2005
- POZO, Jose Del. Rebeldes, reformistas y revolucionarios. Una historia oral de la izquierda chilena em la época de la Unidad Popular. Santiago: Ediciones: Documentas, 1992.
- REIS FILHO, D. A.; SÁ, J. F. de. (Orgs.). Imagens da Revolução. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- SADER, Emir. Cordón Cerrillos e poder proletario no Chile em 1972. IN: SARTRE, Jeal P. (org.). Revista "Les Temps Modernes" n. 347, junho de 1974.
- SADER, Emir. Democracia e Ditadura no Chile. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SILVA, Miguel. Los Cordones Industriales y el Socialismo desde Abajo. Santiago: Imprenta Lizzor, sem data.
- SOTO, Sandra C. Cordones Industriales: nuevas formas de sociabilidade obrera y organización política popular. Concepción: Escaparate Ediciones: 2009.
- Thompson, E. P. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TRANCOSO, Hugo C. La problemática del poder popular em el processo de la via chilena al socialismo. 1970-1973. Aarhus: Aarhus University Press, 1988.
- VARELA, Andrés. Gestión de los trabajadores em las empresas del Area de Propiedad Social: un analisis testimonial. In: LAWER, Miguel et al. (Org.). Salvador Allende: Presencia em la ausencia. Santiago: LOM, 2008, P. 225-247.
- VITALE, Luis. ¿Y despues del 4, Que? Perspectivas de Chile despues de las elecciones presidenciales. Santiago: Ediciones Prensa Latinoamericana, 1970.
- ZAPATA, Francisco. Las relaciones entre el movimiento obrero y el gobierno de Salvador Allende. México: Centro de Estudios Sociologicos, 1976.
- Winn, Peter. A Revolução Chilena. São Paulo: UNESP, 2010.
- WINN, Peter. Tejedores de la Revolución: Los Trabajadores de Yarur y La via chilena al socialismo. Santiago: LOM, 2004.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PRACEL